Prosas barbaras: com uma introducção por Jayme Batalha Reis.

Eça de Queirós

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Prosas barbaras: com uma introducção por Jayme Batalha Reis.

Eça de Queirós

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Obras do mesmo auctor

=O crime do padre Amaro.= Quarta edição inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva. 1 grosso volume 1$200 =Os Maias.= Segunda edição. 2 grossos volumes 2$000 =A Cidade e as Serras.= 800 =O Mandarim.= Quarta edição. 1 volume 500 =O primo Bazilio.= Quarta edição. 1 grosso volume 1$000 =A Reliquia.= Terceira edição. 1 grosso volume 1$000 =Contos.= 1 volume 600 =As minas de Salomão.= 1 volume 600 =Correspondencia de Fradique Mendes.= 1 volume 600 =Revista de Portugal.= 4 grossos volumes 12$000 =A Illustre Casa de Ramires.= 1 volume 1$000

No prélo:

=Cartas de Inglaterra.=
=Echos de Paris.=
=S. Christovam= (inedito).

Obra do eminente esculptor Teixeira Lopes]

EÇA DE QUEIROZ

PROSAS BARBARAS

Com uma Introducção por Jayme Batalha Reis

PORTO
LIVRARIA CHARDRON

LELLO & IRMÃO, EDITORES

1903

Todos os direitos reservados.

Pertence no Brazil o direito de propriedade d'esta obra ao cidadão Francisco Alves, livreiro editor no Rio de Janeiro, que, para a garantia que lhe offerece a lei n.º 496 de 1 d'Agosto de 1898, fez o competente deposito na Bibliotheca nacional, segundo a determinação do art. 13.º da mesma Lei.

Porto--Imprensa Moderna.

INTRODUCÇÃO.

Na primeira phase da vida litteraria de Eça de Queiroz.

I

Julgaram os Editores d'este livro ser necessario explicar como elle se escreveu e se denominou.

Fui talvez a testemunha mais proxima da redacção dos escriptos agora reunidos em volume, e por esse tempo, o amigo mais inseparavel do author. Esta Introducção é pois uma pagina da sua biographia. Tento esboçar n'ella a figura do homem e a do escriptor, taes como as conheci, ao formarem-se as creações d'este livro,--as circumstancias e os espiritos que influenciaram a aliás extraordinaria originalidade do genio d'Eça de Queiroz.

Quando nos encontrámos, já estavam publicados alguns dos seus

Folhetins na _Gazeta de Portugal_, que fôra fundada por Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos (Novembro de 1862), 4 annos antes da apparição do primeiro d'elles e terminou (Janeiro de 1868,) pouco mais d'um anno depois da publicação do ultimo, sendo,--em rivalidade com a _Revolução de Setembro_, dirigida por Rodrigues Sampaio,--o mais brilhante periodico do tempo. A _Gazeta de Portugal_ publicava, além das do seu fundador, frequentes producções de Antonio Feliciano de Castilho, José Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva, Camillo Castello Branco, Julio Cesar Machado, Thomaz Ribeiro, Zacharias d'Aça, Graça Barreto, Silveira da Motta, Cunha Rivara,--quasi todos os consagrados de então. Os _Novos_ que ahi escreviam, ficavam, por este facto, para logo consagrados. Ahi primeiro appareceram no _folhetim_, triumphalmente, Matheus de Magalhães, Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos e Xavier da Cunha («Olympio de Freitas.») Todos estes escriptores se continuavam uns aos outros, sem contrastes nem revoluções, apenas levemente desenvolvendo formulas acceites e classificadas pelos applausos d'um publico hereditariamente satisfeito.

Em 1866 a _Gazeta de Portugal_ entrára porém em decadencia; começava a viver de expedientes. Desde Dezembro de 1865 diminuiu o formato. A 14 de Julho de 1866, José da Silva Mendes Leal, poeta, dramaturgo, romancista, historiador, estadista, orador, diplomata,--para muitos, «o mestre», legitimo successor de Almeida Garrett,--despedira-se da direcção litteraria que até então, pelo menos nominalmente, exercera. Os collaboradores litterarios mais assiduos, mais legitimamente representantes do gosto geral, eram já então, no _folhetim_ da _Gazeta de Portugal_, Santos Nazareth e Luiz Quirino

Chaves. Por essa epoca Teixeira de Vasconcellos publicou ahi o seu romance _A Ermida de Castromino_, seguido, desde os primeiros dias de 1866, por _O Diamante do Commendador_ do visconde Ponson du Terrail...

Repentinamente, (em Março de 1866), começaram a apparecer uns _Folhetins_ assignados «Eça de Queiroz».

Ninguem conhecia a pessoa designada por estes appelidos que, por algum tempo, se suppoz serem um pseudonymo.

Os _Folhetins_ de Eça de Queiroz foram todavia notados;--mas como novidade extravagante e burlesca. Geral hilaridade os acolheu desde a Redacção da _Gazeta de Portugal_, até aos centros intellectuaes reconhecidos do paiz, e até á parte mais grave, culta e influente do publico. Para este, uma ou outra phrase os arrumou logo no que então se chamava «a Escola Coimbran»,--centro litterario e philosophico dedicado, como se suppunha, a escrever por modo systematicamente ininteligivel. Citavam-se, por modelos de comico inconsciente, as scenas, as imagens, os epithetos d'esses _Folhetins_, lidos em voz alta, entre gargalhadas, no Café Martinho, nas Livrarias Silva e Rodrigues, no Gremio litterario, nos Salões poeticos e politicos e n'outros centros representativos do tempo. O Severo,--o Severo dos Anjos,--principal e celebre Noticiarista da _Gazeta de Portugal_, entalando o monoculo ao canto do olho direito, inventava quotidianamente, sobre o Eça de Queiroz e os seus _Folhetins_, epigrammas em geral adoptados; e o Teixeira de Vasconcellos, exagerando, com intenção comica, o seu natural gaguejar, concluia:

--Tem muito talento este rapaz; mas é pena que residisse em Coimbra, que seja inteiramente doido, que haja nos seus _Contos_,

sempre, dois cadaveres amando-se n'um banco do Rocio, e que escre...va...va...va em francez.

Pouco tempo depois de publicado o ultimo d'esses _Folhetins_,--em Dezembro de 1867,--já ninguem pensava no author d'elles.

Que importava ao Café Martinho, ao Gremio _supposto_ litterario, e aos circulos politicos, a apparição d'um novo escriptor com um novo estylo? Era ministro... não sei quem; discutia-se no Parlamento... não sei que; os negocios iam andando; os namoricos e a maledicencia seguiam o seu curso; a arte, serena e commedida, não sacudia os que dormitavam... e nada mais era de interesse, em Portugal, para as classes cultas.

II

Eu era, por 1867, estudante em Lisboa e muito novo. Por circumstancias que é inutil mencionar frequentava a Redacção da _Gazeta de Portugal_, no n.º 26 da travessa da Parreirinha, perto do Theatro de S. Carlos.

Uma noute, junto da mesa onde escrevia o Severo, vi uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda. Esta figura mostrava-se inteiramente desenhada a preto intenso e amarello desmaiado:

Cobria-a uma sobrecasaca preta abotoada até á barba, uma gravata alta e preta, umas calças pretas. Tinha as faces lividas e magrissimas, o cabello corredio muito preto, do qual se destacava uma madeixa triangular, ondulante, na testa pallida que parecia estreita, sobre olhos cobertos por lunetas fumadas, de aros muito grossos e muito negros.

Um bigode farto, e tambem muito preto, caía aos lados da bocca grande e entreaberta. As mãos longas, de dedos muito finos côr de marfim velho, na extremidade de dois magros e longuissimos braços, faziam gestos desusados com uma badine muito delgada e um chapéo de copa alta e conica, mas de feltro baço, como os chapéos do seculo XVI que se veem nos retratos do Duque d'Alba, de Philippe II de Hespanha, ou de Henrique III de França.

Era o Eça de Queiroz.

Contava o quer que fosse a um tempo tragico e comico, nervosamente, dando a espaços gargalhadas--_ricanements_, como se diria em francez,--curtas, e sinistras.

O Severo, de monoculo fincado no olho direito, a larga mascara gorda, amarella e ironica, muito dilatada, escutava-o, rindo em notas agudas.

Saí n'essa noute do Escriptorio da _Gazeta de Portugal_ com o Eça de Queiroz, jantámos e passámos a noute juntos, e desde então, por annos, não nos separámos quasi.

O Eça de Queiroz terminára em 1866 o curso de Direito na Universidade de Coimbra, e viera para Lisboa onde seu pae era magistrado. Por tradicções de familia, e como consequencia natural dos seus estudos, deveria seguir, elle tambem, a magistratura official, ou, pelo menos, fazer-se advogado. Supponho que n'este intuito frequentou algum tempo um Escriptorio em Lisboa.

Mas a Arte tomava-o já a esse tempo fundamente, e ia-se-lhe o tempo a ler, a scismar, a idear, a cogitar os aspectos subtis das cousas.

Eça de Queiroz morava em casa da familia, ao Rocio, no 4.º andar do

predio n.º 26. O seu quarto--pequeno, com uma mesa ao centro e uma estante para poucos livros,--dava para a rua do Principe. Ahi foram, em parte, escriptos os _Folhetins_ das _Prosas barbaras_.

III

Haviamos-nos creado um mundo como que áparte da realidade:

Quando por algum tempo nos separavamos durante o dia, reuniamos-nos logo, ás horas de jantar, ou depois, n'um qualquer Restaurante pouco frequentado, cerca da rua larga de S. Roque ou do Chiado.

Á sobremeza o café abria-nos as regiões visionarias em que viviamos: O Eça de Queiroz bebia-o com attenção concentrada e reverente, curvado de alto sobre a chavena, para onde cada feição, principalmente o nariz comprido e adunco, como que se prolongava aguçada. A uma primeira chavena seguia-se uma segunda e uma terceira; e iamos para minha casa continuar a beber café, ás vezes até madrugada.

N'estas circumstancias foram escriptos, por Eça de Queiroz, muitos dos _Contos_ agora reunidos em volume.

Eu morava no primeiro andar da casa n.º 19 da então travessa do Guarda-mór,[1] em pleno Bairro alto.

No meu quarto de estudante[2] havia um grande armario cheio de livros, cavado na espessura da parede, uma grande mesa central sobre que se escrevia, e uma secretaria de feitio estranho, dada a meu pae por Almeida Garrett, usada por este para escrever de pé, que suggerio a Eça de Queiroz a fórma da mesa onde, annos depois, em Paris,

quasi sempre trabalhava. Uma larga janella de sacada abria para a rua dos Calafates[3] em frente a predios baixos que, por isso, não impediam o accesso do ar, da luz, e a vista d'um espaço aberto que dava uma impressão de villa de provincia. No mais proximo d'esses predios moravam duas raparigas, muito novas e bonitas, a cantar, costurando activamente o dia inteiro, entre craveiros e mangericões, por vezes, para o Eça de Queiroz e outros lyricos phantasistas que me visitavam, pontos de partida de longas variações, em verso e prosa, sobre o _Eterno feminino_.

Certas noutes, entrava o Eça de Queiroz, já tarde, no meu quarto, com um rolo de papel na mão, dizendo:

--Sou eu, sim, amigo.

E alludindo aos corvos, milhafres, gaviões, que com tanta frequencia, phantasticamente appareciam nos seus _Contos_, accrescentava:

--Sou eu e os meus abutres: Vimos crear, devorando cadaveres!

Muitas cousas preoccupavam o Eça de Queiroz quando trabalhava:

Durante tempos só poude escrever em certo papel almaço, que elle proprio ia comprar a uma loja pequena de chá e papel selado, no n.º 41 da rua larga de S. Roque.

Havia de entrar no meu quarto com o pé direito, suspendendo-se por isso, no ultimo momento, recuando o pé esquerdo agourento, quando já este inopportunamente se adiantasse, e fazendo, hesitante e confuso, antes de emfim passar a porta, um ruido inexplicavel.

Tinha o terror das correntes d'ar, e andava continuamente a fechar a janella, ou as portas, a mudar a posição da cadeira onde se sentava,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com